

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 24/05/2018.

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

Laura Pimentel Barbosa

A Guerra Global no cinema



ARARAQUARA – S.P.
2017

Laura Pimentel Barbosa

A Guerra Global no cinema

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, democracia e pensamento social

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Co-orientadora: não há

Bolsa: não há

ARARAQUARA – S.P.

2017

[VERSO DA FOLHA DE ROSTO]

Barbosa, Laura Pimentel

A Guerra Global no Cinema / Laura Pimentel

Barbosa – 2017
183 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Guerra. 2. Cinema. 3. Indústria Cultural. 4.
Terrorismo. 5. Hollywood. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Laura Pimentel Barbosa

A GUERRA GLOBAL NO CINEMA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, democracia e pensamento social

Orientador: João Carlos Soares Zuin

Co-orientadora: não há

Bolsa: não há

Data da defesa: 24/05/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: João Carlos Soares Zuin, Doutor em Ciências Sociais

Universidade: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Marcelo Santos, Doutor em Ciências Sociais

Universidade: Universidade: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Mauro Luiz Rovai, Doutor em Sociologia

Universidade: Universidade Federal de São Paulo

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

Buscando o olho de Deus, só vi uma órbita vaga/ Vasta, negra e sem fundo, de onde a noite que vaga/Impera sobre o mundo e enche as formas vazias.

Gérard de Nerval

[...] a imagem se prepara para triunfar sobre o objeto, o tempo sobre o espaço, em uma guerra industrial na qual a representação dos acontecimentos domina a apresentação dos fatos.

Paul Virilio

De qualquer maneira, parece que, nas eras de declínio dos sistemas sociais, com sua deflagração da insegurança e da ansiedade, as tendências paranoicas dos indivíduos são evidenciadas e muitas vezes canalizadas por instituições que pretendem distrair tais tendências de suas razões objetivas [...]. Pode-se dizer que é precisamente o elemento da loucura que paralisa e atrai seguidores para os movimentos de massa de todos os tipos; e o corolário dessa estrutura é que as pessoas nunca acreditam inteiramente no que fingem acreditar e, assim, excedem suas próprias crenças, e estão logo inclinadas a traduzi-las em ação violenta.

Theodor Adorno

RESUMO

Com o fim da Guerra Fria, muitos foram os discursos que afirmavam que a paz seria a marca da nova ordem mundial, infelizmente esse não foi o caso. Conflitos que se acreditavam estarem superados retornaram, como os de motivação étnica e religiosa, assim como surgiram novos atores que ameaçam a segurança internacional, como o crime organizado, o tráfico internacional de drogas e armas e o terrorismo internacional. Mas foi a partir dos ataques de 11 de setembro de 2001 que o esforço de guerra e o militarismo ocidental se acentuaram para combater essas ameaças, contudo, isso foi realizado de forma unilateral e com base em uma estratégia pouco clara denominada “Guerra ao Terror”, uma guerra que por sua própria motivação, não tem limite espacial ou temporal, configurando-se, nesse sentido, como uma guerra global. Das armas utilizadas nessa guerra, além dos drones e dos tanques de guerra, também podemos incluir a mídia e a indústria cultural. O século XX é repleto de exemplos do uso político da indústria cultural para promover o direcionamento das massas e a favor de determinadas ideologias e da guerra. A Segunda Guerra Mundial, por exemplo, teve a indústria cultural e a Propaganda como meios importantíssimos para manipular as pulsões íntimas e direcionar os indivíduos em prol do esforço de guerra, promovendo a guerra total. No século XXI, a prática da guerra se alterou bastante, mas algo ainda se mantém: a relação da guerra com a indústria cultural. Sendo o cinema historicamente o carro-chefe dessa indústria, um dos produtos mais lucrativos do setor de entretenimento e, no caso do cinema hollywoodiano, intimamente envolvido com os setores militar e político, é razoável assumir que os filmes ainda são importantes meios de propagação de valores e ideologias, e portanto úteis para estimular o esforço de guerra. Neste trabalho, nós analisamos 4 filmes, um deles é puramente ficcional e os outros três são baseados em fatos reais. Em conjunto, eles nos ajudam a reconstituir a progressão histórica e discursiva da “Guerra ao Terror”, são eles: N.Y. Sitiada (1998), Falcão Negro em Perigo (2001), A Hora mais Escura (2012) e Sniper Americano (2014). Tentaremos identificar nesses filmes: como o inimigo é construído, quais são suas motivações e formas de ação; os discursos ocidentais para se combater o inimigo e justificar as táticas utilizadas contra ele; qual a imagem que esses filmes promovem dos setores militares e de suas ações.

Abstract

With the end of the Cold War there were many affirmations that peace would be the main characteristic of the new world order. Unfortunately, this was not what happened. Conflicts that were believed to be surpassed came back, like those of ethnic and religious motivation, besides that, new international actors became threats to international security – like those of international organized crime, international drug traffick and weapons and international terrorism. But it was with the terrorist attacks of 9/11 that the Western war effort and militarism became stronger to fight those threats. However, those efforts were performed based on the unilateral and unclear strategy named “War on Terror”. This kind of strategy, for its motivation has no limits, neither in terms of space nor time. Among the weapons used in this war, besides the drones and tanks of war, we can include the products of the cultural industry. The 20th century is full of examples of the political uses of the cultural industry to promote the incentives of the masses in favor of war. The Second World War, for example, had the cultural industry and Propaganda as important means to manipulate the individual’s inner drives to promote the total war. In the 21st century, the war strategies have altered significantly, however, something remains: the relationship between war and cultural industry. Being cinema historically the flagship of this industry, one of the most profitable products of the entertainment sector and, specially in the case of the Hollywoodian cinema, who is intimately related with the American military and political sectors, it is reasonable to assume that movies are still important means of values and ideologies propagation, therefore useful to stimulate the war effort. In this dissertation, we have analyzed four movies that depicts different phases of the global war that has begun with the Gulf War and is now the “War on Terror”, the movies are: *The Siege* (1998), *Black Hawk Down* (2001), *Zero Dark Thirty* (2012) and *American Sniper* (2014). We have tried to understand how these movies depicts the enemies, what are their motivations and means of action, the western speeches that justifies the tactics used against these enemies and how these movies depicts the American military.

Agradecimentos

Agradeço ao prof. João Carlos Soares Zuin, pela atenciosa orientação, por ter me proporcionado a oportunidade de fazer um mestrado que eu de fato posso considerar como sendo uma bela e engrandecedora experiência.

Agradeço aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unesp, por acreditarem em mim e me permitirem fazer parte desse programa.

Agradeço a todos os amigos e amigas que estiveram ao meu lado por essa e outras jornadas.

Agradeço acima de tudo à minha família, por todo o amor, dedicação e esforço dedicados a mim, desde sempre. Sei que eu nunca serei capaz de retribuir por tudo o que fizeram, mas espero que saibam o quanto sou grata e o quanto eu amo a todos vocês.

Dedico essa dissertação à minha amada sobrinha, Julia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	I
I Globalização e Guerra global	01
1. Nova Ordem Mundial	02
1.1. A Sociedade de risco e o Estado.....	08
2. “Da guerra” à guerra global	15
II Guerra, Propaganda e Cinema	27
1. A massa, o líder e o cinema.....	35
2. “Logística da percepção”: tecnologia de guerra, tecnologia cinematográfica.....	44
3. Studio System	49
4. Star System.....	52
5. O poder do cinema: “a rua como prolongamento do filme”.....	62
5.1. A projeção-identificação.....	64
5.2. O cinema e o poder: o cinema Hollywood	76
III A Guerra Global: percursos fílmicos	92
1. A progressão da Guerra Global	93
1.1. As novas ameaças	93
1.1.1. Nova York Sitiada.....	96
1.2. As intervenções humanitárias	107
1.2.1. Falcão Negro em Perigo.....	109
1.3. A “Guerra ao Terror”	129
1.3.1. A Hora mais Escura	131
1.3.2. Sniper Americano	143
2. Conclusão	158
Referências I Parte.....	160
Referências II Parte	164
Referências III Parte.....	166
Filmes	170

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Emblema dos operadores do drone Reaper.....	2
Figura 2. Cartaz de propaganda de guerra alemão (I Guerra Mundial). Cooperação entre cidadãos e soldados.	2
Figura 3 -O famoso Tio Sam, criado por James Flagg, 1917.....	2
Figura 4. Cartaz de propaganda de guerra americano (I Guerra Mundial). Alistamento.	2
Figura 5. Cartaz de propaganda de guerra britânico (I Guerra Mundial). Desumanização.	2
Figura 6. Cartaz americano de propaganda de guerra (I Guerra Mundial). Desumanização.	2
Figura 7. Cartaz britânico de propaganda de guerra (I Guerra Mundial). Desumanização.	2
Figura 8. Adolph Hitler e Leni Riefenstahl durante a produção de O Triunfo da Vontade. 1935.....	2
Figura 9. Leni Riefenstahl, 1935.	2
Figura 10. Cena de O Triunfo da Vontade, 1935.	2
Figura 11. Cena de O Triunfo da Vontade, 1935.	2
Figura 12. Cena de O Triunfo da Vontade, 1935.	2
Figura 13. Cena de O Triunfo da Vontade, 1935.	2
Figura 14. Pôster do filme O Judeu Süß, 1940.....	2
Figura 15. Pôster do documentário O Eterno Judeu, 1940.....	2
Figura 16. Cartaz americano de propaganda de guerra (II Guerra Mundial)	2
Figura 17. Cartaz italiano de propaganda de guerra (II Guerra Mundial).....	2
Figura 18. Cartaz americano de propaganda de guerra (II Guerra Mundial). Desumanização.	2
Figura 19. Cartaz americano de propaganda de guerra (II Guerra Mundial). Pearl Harbor.....	2
Figura 20. Cena do filme Anjos do Inferno, 1930.....	2
Figura 21. Jean Harlow.....	2
Figura 22. Norma Jean na Radioplane Company.	2
Figura 23. Marilyn Monroe, Coreia, 1954.	2
Figura 24. Marilyn Monroe, Coreia, 1954.	2
Figura 25. Marilyn Monroe, Coreia, 1954.	2
Figura 26 Nose art.	2
Figura 27. Nose art.	2
Figura 28. Nose art.	2
Figura 29. Rita Hayworth.....	2
Figura 30. Giene Tierney.....	2
Figura 31. Cena de Sem Destino, 1969.	2
Figura 32. Cena de A Primeira noite de um homem, 1967.	2
Figura 33. Cena de A Primeira noite de um Homem, 1967.	2
Figura 34. Cena de Apocalypse now	2

Figura 35. Cena de Apocalypse Now	2
Figura 36. Spielberg, homenageado pelo D. of Defense.	2
Figura 37. N.Y. Sitiada, Teatro.	2
Figura 38. N.Y. Sitiada, Teatro.	2
Figura 39. N.Y. Sitiada, Teatro.	2
Figura 40. N.Y. Sitiada, Teatro.	2
Figura 41. N.Y. Sitiada, Teatro.	2
Figura 42. N.Y. Sitiada, Lei Marcial.	2
Figura 43. N.Y. Sitiada, Lei Marcial.	2
Figura 44. N.Y. Sitiada, Tortura.	2
Figura 45. N.Y. Sitiada, Tortura.	2
Figura 46. Falcão Negro em Perigo, prece islâmica.	2
Figura 47. Falcão Negro em Perigo, prece islâmica.	2
Figura 48. Falcão Negro em Perigo, prece islâmica.	2
Figura 49. Cena do filme Regras do Jogo, 2000.	2
Figura 50. Cena do filme Regras do Jogo, 2000.	2
Figura 51. Falcão Negro em Perigo, soldados chegam à base da ONU.	2
Figura 52. Falcão Negro em Perigo, soldados chegam à base da ONU.	2
Figura 53. A Hora mais Escura, Maya assiste ao seu primeiro interrogatório.	2
Figura 54. A Hora mais Escura. Maya interroga e tortura um prisioneiro.	2
Figura 55. N.Y. Sitiada, campo de detenção.	2
Figura 56. N.Y. Sitiada, campo de detenção.	2
Figura 57. N.Y. Sitiada, campo de detenção.	2
Figura 58. A Hora mais Escura, Black Site.	2
Figura 59. A Hora mais Escura, Black Site.	2
Figura 60. A Hora mais Escura, Black Site.	2
Figura 61. A Hora mais Escura, cenas finais.	2
Figura 62. A Hora mais Escura, cenas finais.	2
Figura 63. Sniper Americano, cenas iniciais.	2
Figura 64. Sniper Americano, cenas iniciais.	2
Figura 65. Sniper Americano, primeiras mortes.	2
Figura 66. Sniper Americano, primeiras mortes.	2
Figura 67. Sniper Americano, trauma de guerra.	2
Figura 68. Sniper Americano, Chris Kyle e os veteranos.	2
Figura 69. Sniper Americano, cenas finais, cortejo.	2
Figura 70. Sniper Americano, cenas finais, cortejo.	2
Figura 71. Sniper Americano, cenas finais, cortejo.	2

INTRODUÇÃO

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 aos EUA geraram grande ansiedade social e política no Ocidente, esses ataques à maior potência do sistema internacional foram uma prova contundente de que o mundo pós-Guerra Fria não é de modo algum mais pacífico e seguro e que a Sociedade Internacional tem muitos novos desafios para enfrentar.

A estratégia que os EUA seguiram para lidar com essas ameaças, no entanto, foi oposta à que o país vinha tentando fazer durante a década de 1990, ao invés de se engajar com as instituições do sistema internacional e tentar encontrar meios conjuntos para lidar com as forças terroristas, a superpotência agiu unilateralmente e por meio de uma retórica dualista, dividiu o mundo entre civilizados e párias. Apesar de a invasão ao Afeganistão ter acontecido com o aval da ONU, há muito o que se discutir a respeito da legalidade e efetividade das táticas utilizadas nas buscas pelos líderes terroristas, além disso, as ações que se seguiram a partir dessa invasão foram extremamente agressivas e unilaterais. Sob o termo difuso de “Guerra ao Terror”, com uma estratégia pouco clara, os EUA e seus aliados deram seguimento a um conjunto de operações militares que acentuaram algumas instabilidades geopolíticas e infelizmente não resolveram o problema sério que é o terrorismo internacional. Mais de 15 anos desde a invasão ao Afeganistão, os EUA tem retirado suas tropas do Iraque, após diversos escândalos envolvendo denúncias de torturas e abusos cometidos contra prisioneiros e outras ações ilegais que minaram a legitimidade da “Guerra ao Terror”. O país tem revisado suas estratégias geopolíticas uma vez que outras potências como a Rússia e a China têm se mostrado importantes adversários em vários aspectos.

De todo modo, a “Guerra ao Terror” não acabou e ainda é um mote importante para as operações e presença militar americanas no mundo. essa guerra, por seu próprio escopo, não possui limites temporais e espaciais definidos, é travada com o uso de mecanismos que permitem realizar ataques à distância (algo ainda mais intenso que a guerra aérea), e por isso se configura como uma guerra global.

Mas apesar de o terrorismo ter se tornado uma questão fundamental após 2001 para a política externa americana, não podemos nos esquecer de que os anos de 1990 não foram marcados pela paz, ao contrário. A nova ordem mundial ao final da Guerra Fria é marcada desde o início pela intensificação dos conflitos gerados por antigas questões que se acreditavam estarem superadas, como os conflitos étnicos e religiosos, assim como por novas pautas como o tráfico internacional de armas e drogas, a intensificação da violência urbana e sim, também o

terrorismo. Por essas e outras questões, a nova ordem mundial proposta pelos EUA ao final dos anos 1980 tinha como um de seus objetivos expandir a sua própria agenda de segurança nacional para garantir sua segurança, e nessa expansão os valores defendidos pelo mundo Ocidental como: liberdade individual, livre mercado, democracia e defesa dos direitos humanos foram associados à ideia de segurança internacional, ou seja, a expansão dos valores Ocidentais tornariam o mundo mais pacífico (ideias como a teoria da paz democrática e fim da história são o resultado desse tipo de pensamento). Mas não foi uma pax americana que se seguiu à Guerra Fria, muito ao contrário. As novas ameaças começaram a fazer parte da vida dos indivíduos e as sociedades ocidentais, inclusive a americana, tiveram na mídia e na indústria cultural importantes veículos para tentar compreender o novo cenário e identificar quem são os novos inimigos.

Sabemos da importância que tem a indústria cultural na propagação de ideias, valores, na formação da percepção sobre questões diversas e seu papel como veículo de ideologia. Os trabalhos de Siegfried Kracauer e Walter Benjamin, e depois os dos autores da Teoria Crítica, já apresentavam essas questões nos idos das décadas de 1920 e 1930, quando o nazismo e o fascismo estavam estetizando a política por meio da indústria cultural como nunca antes se fez na história. No nazismo e no fascismo, todos os meios de comunicação e entretenimento foram mobilizados para propagar a ideologia, para fortalecer o nacionalismo e estabelecer dualismos que chegaram ao ponto de desumanizar os inimigos e a justificar o seu extermínio, assim como a mobilizar toda a população para o esforço de guerra, promovendo a Guerra Total que foi a Segunda Guerra Mundial.

Das décadas de 1930 e 1940 para o século XXI a relação entre as forças políticas e a indústria cultural mudou bastante. A indústria cultural se tornou mais difusa e menos dependente do Estado. Mas ela ainda é um importante veículo de transmissão de ideias, valores e também de ideologia. Ainda é muito importante para as classes dominantes, e isso também vale para os países mais poderosos do sistema internacional – que a relação entre elas e a grande produção cultural esteja alinhada.

Os maiores setores e as maiores empresas da indústria cultural do século XX são as americanas, sendo o cinema o carro-chefe. Apesar de atualmente essas empresas sejam de capital multinacional e em algumas delas o maior capital investido sequer é proveniente de investidores americanos, os seus produtos mantêm uma relação importantíssima com os valores, as ideias, o estilo de vida e a estética que os EUA difundiram durante o século XX, e se tornaram hegemônicos no mundo Ocidental. E os produtos culturais que se desenvolveram nos EUA e foram exportados, principalmente os da indústria cinematográfica, “Hollywood”, e

determinaram a estética dos produtos culturais mundo à fora, por sua vez, foram desenvolvidos com o apoio da classe política e dos setores militares dos EUA. Nesse sentido, a indústria cultural americana, especialmente o cinema, se configura como um complexo militar-industrial-midiático e cultural que influencia a indústria cultural americana até hoje.¹

A relação entre os setores militares, as agências de inteligência e de segurança nacional, com a indústria cultural não é uma imposição, ela é benéfica e desejável pois também favorece a indústria, principalmente a cinematográfica. Hollywood tem historicamente mantido uma relação próxima com o exército e agências que é mutualmente benéfica. Por meio do cinema os americanos e outras sociedades formam suas percepções, seus valores estéticos e políticos e recebem estímulos que influenciam suas decisões políticas e cotidianas, como o que consumir, por exemplo. Mesmo que hoje o público do cinema esteja se reduzindo, isso não significa que os filmes sejam necessariamente menos vistos, pois há hoje novas formas de fruir desses produtos que são muitas vezes ilegais – como os filmes “pirata” os sites de streaming e os downloads – que permitem com que pessoas no mundo inteiro tenham acesso a esses filmes.²

Feitas essas considerações, retornamos à questão inicial dessa introdução: o mundo pós-11 de setembro, a ansiedade social que se intensificou com esses ataques e a “Guerra ao Terror”. Os filmes fizeram parte desse conflito, como fizeram de outros antes dele. Os filmes ajudaram a construir a imagem do inimigo, das ameaças, a audiência tomou conhecimento das formas de lidar com ele e dos seus “heróis”. A representação cinematográfica da realidade dos conflitos em muitos aspectos também ajudou a legitimá-lo. Não é de se surpreender que em 04 de novembro de 2001, Karl Rove, conselheiro chefe do então presidente dos EUA, George W. Bush, tenha realizado uma reunião com membros ilustres da indústria cinematográfica americana para pedir auxílio à “Guerra ao Terror”.³

Não podemos dizer que exista qualquer imposição, mas as evidências provam que existe no cinema mainstream um alinhamento com os setores militares e a classe política, o que influencia

¹ TANGUAY, Liane. **Hijacking History**: American culture and the war on terror. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2013.

MARTIN, Georg. STEUTER, Erin. **Pop culture goes to war**: enlisting and resisting militarism in the war on terror. Lexington Books, 2010.

BOGGS, Carl; POLLARD, Tom. **The Hollywood War Machine**: Militarism and Popular Culture. London: Paradigm Publishers, 2007.

² MARTEL, Frédéric. **Mainstream**: a guerra global das mídias e das culturas. São Paulo, RJ: Civilização Brasileira, 2012

³ LYMAN, Rick. A nation challenged: the entertainment industry, Hollywood discusses role in war effort. In: **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/11/12/us/nation-challenged-entertainment-industry-hollywood-discusses-role-war-effort.html>>. Acesso em: 18 de abril, 2017.

MATHEWS, Tom D. To the war room!. In: **The Guardian**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2001/nov/14/artsfeatures1>>. Acesso em: 18 de abril, 2017.

os temas e as características das produções, conseqüentemente, também influencia as mensagens, valores e impressões que essas produções possuem e propagam, direcionando a perspectiva dos indivíduos sobre a realidade, ou seja, sobre questões importantes como a política, a política internacional e também sobre o terrorismo e a guerra.

Neste trabalho, nós analisamos 4 filmes que tratam da ameaça terrorista e das formas de lidar com ela desde o final dos anos 1990, até as conseqüências da ‘Guerra ao Terror’. Um desses filmes é puramente ficcional, os outros três seguintes são baseados em fatos reais. Em conjunto, eles nos ajudam a reconstituir a progressão histórica e discursiva da “Guerra ao Terror”. Tentaremos identificar nesses filmes:

- a) Como o inimigo é construído, quais são suas motivações e formas de ação;
- b) Os discursos ocidentais para se combater o inimigo e justificar as táticas utilizadas;
- c) Qual a imagem que esses filmes promovem dos setores militares e da inteligência americana;

Evidentemente que se os filmes apresentarem outros elementos que acreditarmos serem importantes para a dissertação, desde questões relacionadas à produção até elementos fílmicos, tentaremos destaca-los.

Os filmes selecionados são os seguintes:

1. Nova York Sitiada (The Siege, Edward Zwick, 1998)

1.1. Data de Lançamento

- EUA: 06 de novembro de 1998;

1.2. Orçamento

- U\$ 70,000,000,00

1.3. Faturamento (doméstico)

- EUA: U\$ 40,981,289,00

1.3.1. Faturamento total

- U\$. 116,672,912,00

2. Falcão Negro em Perigo (Black Hawk Down, Ridley Scott, 2001);

2.1. Data de Lançamento

- EUA: 18 de dezembro de 2001

2.2. Orçamento

- U\$ 92,000,000,00

2.3. Faturamento (doméstico, EUA)

- EUA: U\$ 108,638,745

2.3.1. Faturamento total

- U\$. 172,989,651,00

2.3.2. Faturamento por país

- França: U\$ 2,856,606,00
- Alemanha: U\$ 2,387,107,00

- Reino Unido: U\$ 8,091,924,00
- 2.4. Principais prêmios e indicações**
- Vencedor do Oscar nas categorias: melhor edição; melhor mixagem de som.
- 3. A Hora mais Escura (Zero Dark Thirty, Kathryn Bigelow, 2012);**
- 3.1. Data de Lançamento**
- EUA: 19 dezembro 2012
- 3.2. Orçamento**
- U\$ 40,000,000,00
- 3.3. Faturamento (doméstico, EUA)**
- EUA: U\$ 95,720,716,00
- 3.3.1. Faturamento total**
- U\$. 132,820,716,00
- 3.3.2. Faturamento por país**
- França: U\$ 4,22,582,00
 - Alemanha: U\$ 230,108,00
 - Reino Unido: U\$ 5,745,075,00
- 3.4. Principais prêmios**
- Oscar: melhor edição de som. Foi indicado ao Oscar nas categorias: melhor filme, melhor atriz, melhor edição.
- 4. Sniper Americano (American Sniper, Clint Eastwood, 2015)**
- 4.1. Data de Lançamento**
- EUA: 25 dezembro 2014
- 4.2. Orçamento (em dólares americanos)**
- U\$ 58,000,000,00
- 4.3. Faturamento (doméstico, EUA)**
- EUA: U\$ 350,126,372,00
- 4.3.1. Faturamento total (em dólares americanos)**
- U\$. 547,426,372,00
- 4.3.2. Faturamento por país (em dólares americanos)**
- França: U\$ 21,273,403,00
 - Alemanha: 11,437,055,00
 - Reino Unido: 20,735,943,00
- 4.4. Principais prêmios e indicações**
- Vencedor do Oscar na categoria: melhor edição de som;
 - Vencedor do American Film Institute Awards na categoria: melhor filme do ano;
 - Foi indicado ao Oscar nas categorias: melhor filme, melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor edição de filme, melhor mixagem de som, melhor ator;

A dissertação está dividida em três partes. A primeira, intitulada “Globalização e Guerra Global” é uma breve contextualização histórica do novo cenário internacional pós-Guerra Fria, dos novos dilemas que os Estados – especialmente os EUA – enfrentam em termos de segurança

interna e iniciamos uma reflexão sobre a guerra nesse cenário. A segunda parte, intitulada “Guerra, Propaganda e Cinema” é mais ampla, nela nós tentamos apresentar a importância da propaganda e da indústria cultural para o Estado no século XX, especialmente em tempos de guerra, configurando os produtos culturais como armas de guerra modernos. Introduzimos aqui algumas reflexões sobre o cinema Hollywood e a relação dele com o setor militar americano. Por fim, a terceira parte, intitulada “Guerra Global: percursos filmicos” será dedicada à nossa tentativa de analisar os filmes propostos segundo nossas intenções descritas acima.

2. Conclusão

Nos filmes analisados, percebemos que há uma construção dualista das relações internacionais como sendo uma disputa entre um “nós” ocidentais e civilizados ameaçados por um “eles” ou “outros” selvagens e bárbaros, estes, por não reconhecerem os valores ocidentais como sendo inerentemente bons e justos, estão em constante esforço para destruir o modo de viver ocidental. Esses inimigos são construídos nesses filmes como traiçoeiros e vis, prontos para trair aqueles que tentam ajuda-los. O terrorismo seria não apenas uma tática *partisan*, mas um resultado dessa característica traidora, pois as táticas terroristas são, como a traição, geralmente imprevisíveis e causam grandes traumas e dificuldades de confiar novamente. Nesse sentido, por serem considerados selvagens, torna-se justificável e até necessário que sejam utilizados contra eles métodos que em outros indivíduos seriam abomináveis, como a tortura.

De modo geral, os setores militares são enaltecidos mesmo nos filmes em que há uma declaração anti guerra. Especificamente em *Falcão Negro em Perigo* e *Sniper Americano*, a posição anti guerra está pautada principalmente no sofrimento que ela causa aos soldados e às suas famílias, e não nos motivos que os levaram a sair de suas casas e abandonar suas vidas civis.

Nesses filmes, vemos que a guerra é profundamente urbana, o inimigo pode ser qualquer pessoa, mesmo uma criança, além disso, a guerra é extremamente irregular: de um lado temos um exército muito bem preparado e treinado e de outro temos grupos insurgentes que se utilizam do terrorismo. De fato, os ambientes urbanos tem se tornado o palco de guerra desde a Segunda Guerra Mundial, e isso se intensificou na medida em que as ameaças à segurança nacional dos Estados deixaram de ser apenas os exércitos inimigos e hoje incluem o terrorismo internacional, o tráfico e o crime organizado. De fato, essas ameaças precisam ser combatidas, mas as forças armadas não possuem nem a expertise e nem a legalidade para fazê-lo.

As opções seriam o uso das agências de inteligência e de segurança, assim como as agências de investigação, no entanto, na medida em que a estratégia para lidar com o terrorismo se pautou em criar listas de alvos e tentar capturar e matar os indivíduos dessa lista, ficam de fora da estratégia a compreensão das razões que levam determinadas pessoas e grupos a se tornarem terroristas, conseqüentemente, o combate ao terrorismo por esses meios é não apenas pouco eficiente como também contraproducente. Em *A Hora mais Escura*, vemos que todos os bilhões de dólares investidos na invasão ao Iraque e na busca e conseqüente assassinato de Osama bin Laden – numa missão ilegal no Paquistão realizada pela JSOC – não resolveu o problema do terrorismo, ao contrário, no decorrer do filme vemos que quanto mais os agentes se esforçavam

em procurar líderes terroristas e para isso fizeram uso de diversas técnicas desumanas, como a tortura, menos eficiente se tornavam essas buscas e mais ataques aconteceram. No entanto, essas percepções ficam subsumidas ao sentimento de vingança que guia o comportamento e comprometimento da personagem Maya em encontrar Osama bin Laden, e por isso, ao fim do filme, o choro pode ser percebido como uma demonstração de alívio. Para a audiência, é um alívio ver uma operação bem-sucedida pois o filme estimula o sentimento de vingança e ódio desde o princípio.

Por fim, é interessante observarmos que há uma desproporção na qualidade do luto pelas vítimas, o que nos remete à reflexão de Judith Butler sobre o luto como ferramenta política. Lembremos dos créditos finais do Falcão Negro em Perigo, quando há uma diferença entre os soldados que perderam suas vítimas e os somalis que “simplesmente” morreram. Ou mesmo no caso de Sniper Americano, quando as vítimas iraquianas são consideradas como mortes justas, enquanto a morte de Kyle é envolta em uma aura de tristeza e sua imagem coberta de símbolos de heroísmo, com direito a créditos finais sem qualquer trilha sonora, evidenciando o sentimento de perda. Não estamos aqui em momento algum desqualificando a morte desses homens, ao contrário, sabemos dos sacrifícios pessoais e das dificuldades pelas quais eles passaram e do quanto essas vidas eram valiosas por si mesmas, independentes de quais atos heroicos cada um realizou, apenas gostaríamos de destacar o valor que é concedido a algumas vítimas em detrimento de outras, e afirmarmos que há, como disse Butler, consequências políticas nisso.

Por fim, esses filmes reafirmam a imagem das relações internacionais como sendo marcadas pela violência, fortalecem o medo do “outro” ao criar uma imagem de inimigos inerentemente maus, estimulam a ideia de que o sistema internacional não tem espaço para a cooperação, desse modo, ajudam, mesmo quando tomam posição contrária, a justificar a guerra como a forma mais racional de lidar com as ameaças.

REFERÊNCIAS

I PARTE

ADORNO, Theodor. **Minima moralia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

AGAMBEN, Giorgio. **Sobre Segurança e Terror**. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/outroslivros/agamben/>>. Acesso em 09 mar. 2016.

_____, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ABRAMSON, Rudy. “**Turn the Bull Loose**”, **Reagan Says on Exchange Floor**. Los Angeles Times, March, 1985. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1985-03-29/news/mn-20409_1_wall-st-pep-talk>. Acesso em: 06 mar. 2016.

BBC. **A lifetime of public speaking**. BBC News on-line. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/politics/1888444.stm>. Acesso em 07 mar. 2016.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: 34, 2013.

_____, Ulrich. **Power in the global age: a new global political economy**. Cambridge, Malden: Polity press, 2005.

BELL, Daniel. The Future World Disorder: The Structural Context of Crises. In: **Foreign Policy**, No. 27 (Summer), p. 109-135, 1977. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1148015>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie** (escritos escolhidos). São Paulo: Cultrix; Ed. Universidade de São Paulo, 1986.

BIERSTEKER, Thomas J. State, sovereignty and territory. In: CARLSNAES, Walter; RISSE, Thomas; SIMMONS, Beth A. **Handbook of International Relations**. SAGEpub, 2002.

BIGNOTTO, Newton. Soberania e exceção no pensamento de Carl Schmitt. In: **Kriterion**, nº 118, dez. 2008, p. 401-415.

BULL, Hedley. **A sociedade anárquica: um estudo da ordem na política mundial**. São Paulo: ed. UnB, 2002.

BUTLER, Judith. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**: Barcelona, Buenos Aires: Paidós, 2009.

CANNETI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CHOMSKY, Noam. **Failed States: the abuse of power and the assault on democracy**. New York: Metropolitan; Owl Book, 2007.

COSTA, Wanderley Messias. **Geografia política e geopolítica**. São Paulo, Ed. USP, 2010.

CROZIER, Michel; HUNTINGTON, Samuel; WATANUKI, Joji. **The crisis of democracy: report on the governability of democracies to the Trilateral commission**. New York: New York University Press, 1975.

DAL LAGO, Alessandro. The global state of war. In: **Ephemera**, vol. 6, nº 01, 2006, p. 9-26.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

_____, Gilberto. **Atores e poderes na nova ordem global**: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

ECHEVERRIA, Andrea de Quadros Dantas. **Combatente inimigo, homo sacer ou inimigo absoluto?** O estado de exceção e o novo nomos da terra: o impacto do terrorismo sobre o sistema jurídico-político do século XXI. Curitiba: CRV, 2013.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

ELDEN, Stuart. **The birth of territory**. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

EPSTEIN, Edward Jay. **O grande filme**: dinheiro e poder em Hollywood. São Paulo: Summus, 2008.

FALK, Richard. **Humanitarian intervention and legitimacy wars**: seeking peace and justice in the 21st century. New York: Routledge, 2015.

FERRO, Marc. **História das colonizações**: das conquistas às independências – séculos XIII a XX. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

FILHO, Agassiz Almeida. **Dez lições sobre Carl Schmitt**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FILIPPI, Alberto; LAFER, Celso. **A presença de Bobbio**: América espanhola, Brasil, Península ibérica. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

FREUD, Sigmunt. **Considerações sobre a guerra e a morte**. Covilhã: LusoSofia Press, 2009.

GALLI, Carlo. **Political Spaces and Global War**. London: University of Minnesota Press, 2010.

_____, Carlo. **Espacios políticos**: la edad moderna y la edad global – léxico de política. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

_____, Carlo. The rise and fall of modern political space. In: **Philosophy Kitchen**, ano 02, nº2, 2015.

GRÓS, Frédéric. **Estados de violência**: ensaio sobre o fim da guerra. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

HEGEL, G. W. F. **Princípios da filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2010.

HUBER, Evelyne. STEPHENS, John D. **Development and crisis of the welfare state**: parties and policies in global markets. Chicago: Chicago Press, 2001.

JÜNGER, Ernst. A mobilização total. In: **Natureza Humana**, vol 04, nº 01, São Paulo (Junho-Julho), p. 189-216, 2002.

KALDOR, Mary. **New and old wars**: organized violence in a global era. Stanford: Stanford University Press, 2007.

KEOHANE, Robert. NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. New York: Harper Collins Publishers, 1989.

_____, Robert. _____, Joseph. Power and Interdependence Revisited. In: **International Organization**, Vol. 41, No. 4 (Autumn, 1987), p. 725-753. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2706764>>. Acesso em 28 fev 2016.

_____, Robert. _____, Joseph. **Power in a global information age**. London: Routledge 2004.

KRASNER, Stephen. **Soberanía, hipocrisia organizada**. Barcelona: Paidós, 2001.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARRAMAIO, Giacomo. O exílio do nomos: Carl Schmitt e a Globale Zeit. In: **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, nº 105, 2012, p. 151-184.

MASTROPAOLO, Alfio. **La democrazia é una causa persa? Paredossi de una intervensione imperfetta**. Torino: Bollati Boranghieri, 2014.

MESSARI, Nizar; NOGUEIRA, João Pontes. **Teorias das Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MORGENTHAU, Hans. **A Política entre as Nações: a luta pela guerra e pela paz**. São Paulo: Ed. UnB, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça**. San Francisco, 1945. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/carta/>>. Acesso em 24 fev 2016.

ODYSSEOS, Luiza; PETITO, Fabio. **The international political thought of Carl Schmitt**. New York: Routledge, 2007.

OSIANDER, Andreas. Sovereignty, International Relations and the Westphalian myth. In: **International Organization**, nº 02 (spring, 2001), p. 251-287. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3078632?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em 17 fev 2016.

RALPH, Jason. War as an institution of international hierarchy: Carl Schmitt's Theory of Partisan and contemporary US practice. In: **Millennium: journal of international studies**, nº 38, vol 2, 2010.

SAINT-PIERRE, Hector Luis. **Fundamentos teóricos da guerra revolucionária**. 1996. 215. Tese – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, São Paulo, 1996.

_____, Hector Luis. Grandes tendências da segurança internacional contemporânea. In: JOBIM, N.; ETCHIGOYEN, S.; ALSINA J. P. **Segurança internacional: perspectivas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

_____, Hector Luis. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. In: **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, n. 53, p. 9-26, mar. 2015, p. 09-26.

SANGUINETTI, Gianfranco. Da utilidade do terrorismo: considerada em relação ao uso que dele se faz. In: **Revista Punkto**. Disponível em : <<http://www.revistapunkto.com/2016/01/da-utilidade-do-terrorismo-gianfranco.html>>. Acesso em 17 jan. 2016.

SCAHILL, Jeremy. **Guerras sujas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____, Jeremy. **EUA: assim funciona o sistema de assassinatos**. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/uncategorized/euaassimfuncionaosistemadeassassinatos/>>. Acesso em 15 jun. 2016.

SCHERRER, Christoph. International worker's rights and competitiveness. In: **Labour, Capital and Society**. vol. 40, nº 1&2, 2007.

SCHMITT, Carl. **O critério do político – Teoria do Partisan**. Belo Horizonte: Del Rey, 2009.

_____, Carl. **O nomos da terra: no direito das gentes do *jus publicum erupaeum***. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.

_____, Carl. **Land and Sea**. Washington: Plutarc Press, 1997.

SELIS, Lara Martins Rodrigues. Signos em desmonte: sobre os fundamentos sociais e históricos do Realismo estrutural. In: **Brazilian Journal os International Relations**. Marília, vol. 4, nº2, 2015, p. 301-329.

SIMMEL, Georg. **El conflicto: sociología del antagonismo**. Madrid: Sequitur, 2010.

_____, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

_____, Georg. **O conflito da cultura moderna e outros escritos**. São Paulo: Ed. SENAC, 2013.

VÄISSE, Maurice. **As relações internacionais depois de 1945**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WACQUANT, Loïc. Insegurança social e o surgimento da preocupação com a segurança. In: **Panóptica**, ano 03, nº 19, julho-outubro, 2010.

_____, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [a onda punitiva]**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: 34, 2006.

WALZER, Michael. **Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEBER, Max. El sentido de la neutralidad valorativa de las ciencias sociológicas y económicas. In: _____, Max. **Ensayos sobre metodología sociológica**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

WENDT, Alexander. Anarchy is what States make of it: the social construction of power politics. In: **International Organization**, Vol. 46, No. 2 (Spring, 1992), p. 391-425.

ZOLO, Danilo. **Invoking humanity: war, law and global order**. London, New York: 2002.

_____, Danilo. Carl Schmitt: a profecia da guerra global. In: **Direitos Fundamentais e Justiça**, nº 5, out-dez, 2008.

_____, Danilo. **Terrorismo Humanitário**: de la Guerra del Golfo a la carniceira de Gaza. Barcelona: Bellaterra, 2011.

_____, Danilo. **Globalización**: un mapa de los problemas. Bilbao: Mensajero, 2006.

REFERÊNCIAS

II PARTE

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AMERICAN FORCES PRESS SERVICE. **DoD Honors "Private Ryan" Director Spielberg**. Disponível em: < <http://archive.defense.gov/news/newsarticle.aspx?id=42941>>. Acesso em 10 mar. 2017.

AUMONT, Jacques. MARIE; Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2013.

BRISELANCE, Marie-France; MORIN, Jean-Claude. **Gramática do Cinema**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

BAZIN, André. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHOMSKY, Noam. **Mídia** – propaganda política e manipulação. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CINEGNOSE. Hollywood produz mais filmes catástrofe em épocas de crise. Disponível em: <<http://cinegnose.blogspot.com.br/2013/09/hollywood-produz-mais-filmes-catastrofe.html>>. Acesso em 16 janeiro, 2017.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EPSTEIN, Edward Jay. **O grande filme**: dinheiro e poder em Hollywood. São Paulo: Summus, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FORSYTH, Scott. **Hollywood Recargado**: el cine como mercancia imperial. In: PANITCH, Leo; LEYS, Colin. El império recargado. Buenos Aires: Clacso, 2005.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**, e outros textos. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

GEADA, Eduardo. **O imperialismo e o fascismo no cinema**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

_____, Eduardo. **O poder do cinema**. Lisboa: Horizonte, 1985.

GENTILI, Emilio. **Due colpi di pistola, dieci milioni di morti, la fine di um mondo**. Storia ilustrata dela Grande Guerra. Bologna: Laterza, 2004.

GERSTLE, Gary. Na sombra do Vietnã: o nacionalismo liberal e o problema da guerra. In: **Tempo**. 2008, vol.13, n.25, pp.37-63.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagem-violência**: etnografia de um cinema provocador. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

_____, Douglas. **Reflections on Hollywood film in the age of Reagan**. Disponível em: <<https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/filmpoliticsideology.pdf>>. Acesso em 22 fevereiro, 2017.

KOVACSICS, Adan. **Guerra y lenguaje**. Barcelona: El Acantilado, 2007.

KRACAUER, Siegfried. **O ornamento da massa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____, Siegfried. **De Caligari a Hitler**: história psicológica del cine aleman. Buenos Aires: Paidós, 1985.

KRAUS, Karl. **En esta gran época**: de como la prensa liberal engendra una guerra mundial. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008.

_____, Karl. **In these great times**. Manchester: Carcanet, 1984.

____—“In These Great Times.” In: **These Great Times. Selected Writings**. November Editions, 2014 (Kindle Edition).

LIMA, Paulo Santos. REIS, Francis Vogner dos. **Easy riders** – o cinema da nova Hollywood. Centro Cultural Banco do Brasil, 2015. Disponível em: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/wp-content/uploads/2015/01/Cat%C3%A1logo-Easy-Riders.pdf>>. Acesso em: 23 fevereiro, 2017.

LOS ANGELES TIMES. Reagan Gets Idea From 'Rambo' for Next Time. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1985-07-01/news/mn-10009_1_hostage-crisis>. Acesso em 01 março, 2017.

MANNONI, Laurent. **A grande arte da luz e da sombra**: arqueologia do cinema. São Paulo: SESC; Ed: UNESP, 2003.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTIN, Geoff. STEUTER, Erin. **Pop culture goes to war**: enlisting and resisting militarism in the war on terror. Maryland: Lexington Books, 2010. Kindle edition.

MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

NOVAES, Adauto (org). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: SESC, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **As distâncias do cinema**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. 2ª edição.

SADOUL, Georges. **História do cinema mundial: da origem aos nossos dias**. São Paulo: Martins Fontes, 1963. vol, I.

SALMON, Christian. **Storytelling**: la máquina de fabricar historias y formatear las mentes. Barcelona: Península, 2014.

SALON MAGAZINE. We created islamic extremists. Disponível em:

<http://www.salon.com/2015/11/17/we_created_islamic_extremism_those_blaming_islam_for_isis_would_have_supported_osama_bin_laden_in_the_80s/>. Acesso em 21 de fevereiro, 2017.

TIME. The oily americans. Disponível em:

<<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,450997-92,00.html>>. Acesso em 21 de fevereiro, 2017.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____, Paul. **Estética da desapareição**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

WOOD, Robin. **Sexual politics and narrative film**: Hollywood and beyond. New York: Columbia University Press, 1998.

_____, Robin. **Hollywood from Vietnan to Reagan...** and beyond. New York: Columbia University Press, 1986.

REFERÊNCIAS

III PARTE

BIGATÃO, Juliana. **As operações de missões de paz das Nações Unidas no pós-Guerra Fria**: o caso dos conflitos armados intra-estatais. In: ABED (Associação brasileira de estudos de defesa), 2013. São Carlos, anais Encontro ABED, 2013.

BIRKHOOD, Mattew. Unclassified fictions: the C.I.A., secrecy law and the dangerous rhetoric of autencity. In: **Berkeley Journal of entertainment and sports**. vol. 03, 2014, p. 17-71.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: el poder del duelo y la violencia: Barcelona, Buenos Aires: Paidós, 2009.

CNN. Clinton to terrorists: U.S. won't be intimidated. Disponível em:

<<http://edition.cnn.com/US/9607/28/clinton.speech/>>. Acesso em: 07 de abril, 2017.

DALBY, Simon. Warrior geopolitics: Gladiator, Black Hawk Down and The Kingdom Of Heaven. In: **Political Geography**. Nº 27 (2008), p. 439-455.

DARGIS, Manhola. By all means necessary. In: **The New York Times**, 2012. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2012/12/18/movies/jessica-chastain-in-zero-dark->

thirty.html?adxnnl=1&adxnnlx=1355885982-

1eF3BUWZQYunx1h8D5CC8A&pagewanted=1>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

DAUM, Meghan. Hollywood's idealized view of C.I.A. In: **Los Angeles Times**, 2015.

Disponível em: <<http://www.latimes.com/opinion/op-ed/la-oe-daum-maya-torture-report-20150102-column.html>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

DESPLANQUE, Simon. "American Sniper" or How a Film Revealed America's Contradictions. In: **Commentary**, nº 25, 2015, p. 1-5.

DODDS, Klaus. Screening terror: Hollywood, the United States and the construction of danger. In: **Critical studies on terrorism**. Vol. 1, No. 2, August 2008, 227–243.

DORFMAN, Zach. Perpetual war for a perpetual piece (of the action). In: **Los Angeles Review of Books**, 2004. Disponível em: <<https://v2.lareviewofbooks.org/article/perpetual-war-perpetual-piece-action>>. Acesso em: 16 de abril, 2017.

FALK, Richard. **What Too Many Americans Don't See When They Watch 'American Sniper'**, 2015. Disponível em: <<https://www.commondreams.org/views/2015/01/29/what-too-many-americans-dont-see-when-they-watch-american-sniper>>. Acesso em: 14 de abril, 2017.

GLEIBERMAN, Owen. Is Zero Dark Thirty pro-torture? And if so, is it wrong? In: **Entertainment weekly**, 2012. Disponível em: <<http://ew.com/article/2012/12/19/is-zero-dark-thirty-pro-torture/>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

HAYDEN, Tom. The C.I.A. goes to Hollywood: how America's spy agency infiltrated the big screen (and our minds). In: **Los Angeles Review of Books**, 2013. Disponível em: <<https://v2.lareviewofbooks.org/article/the-cia-goes-to-hollywood-how-americas-spy-agency-infiltrated-the-big-screen-and-our-minds>>. Acesso em: 16 de abril, 2017.

HORTON, Alex. American Sniper feeds America's hero complex. In: **The Guardian**, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/dec/24/american-sniper-real-life-movies-hollywood>>. Acesso em: 14 de abril, 2017.

HUNTER, Stephen. Shock troops; the battle is engaged, and so is the audience, in the ferocious "Black Hawk Down." In: **The Washington Post**, 2002. Disponível em: <<https://www.highbeam.com/doc/1P2-336903.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

KALDOR, Mary. **New and old wars: organized violence in a global Era**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KERN, Gary. The Zero Dark Thirty phenomenon. In: **The Montreal Review**, 2013. Disponível em: <<http://www.themontrealreview.com/2009/Zero-Dark-Thirty-Heroism-Torture-Propaganda.php>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

KLIEN, Stephen A. Public Character and the Simulacrum: The Construction of the Soldier Patriot and Citizen Agency in Black Hawk Down. In: **Critical Studies in Media Communication**. Vol. 22, No. 5, Dez. 2005, p. 427-449.

LOFLAND, Valerie J. Somalia: US intervention and operation restore hope. In: **Case Studies in Policymaking and Implementation**, v. 6, 1992.

LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAZZETTI, Mark. **Guerra secreta: a C.I.A, um exército invisível e o combate nas sombras**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MAYER, Jane. Zero conscience in “Zero Dark Thirty”. In: **The New Yorker**, 2012. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/news/news-desk/zero-conscience-in-zero-dark-thirty>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

MEAD, Walter, The Jacksonian Tradition and American Foreign Policy, **The National Interest**, n° 58, inverno, 1999/2000.

MERWIN, Daniel K. **Terministic screens and partisan audiences: a burkean cluster analysis of clint eastwood’s american sniper**. 2016. Tese de Doutorado. University of Kansas.

MITCHELL, Elvis. Film Review: Mission of mercy goes bad in Africa. In: **The New York Times**, 2001. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/12/28/movies/film-review-mission-of-mercy-goes-bad-in-africa.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MOORE, Michael. In defense of Zero Dark Thirty. In: **The Huffington Post**, 2013. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/michael-moore/zero-dark-thirty-torture_b_2548079.html>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

NASHAWATY, Chris. American Sniper, 2015. In: **Entertainment Weekly**. Disponível em: <<http://ew.com/article/2014/12/25/american-sniper/>>. Acesso em: 15 de abril, 2017.

NASSER, Reginaldo Mattar; PAOLIELLO, Tomaz Oliveira. Uma nova forma de se fazer a guerra? Atuação de empresas militares de segurança privada na guerra do Iraque. In: **Revista de Sociologia e Política**. Vol 23, n° 53, 2015. p. 27-46.

NELLIS, Robert. Black Hawk Down and the Silences of Ridley Scott's "Realism". In: **Journal of Social Theory in art education**. Vol 24, 2004, p. 08-27.

NEVES, Edson José. MACHADO, Lauren. “Nova York Sitiada”, o terrorismo internacional e a Guerra ao terror. In: NEVES, Edson José; ZANELLA, Cristine Koehler. **As Relações Internacionais e o cinema: espaço e atores transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

ONUF, Nicholas. Making terror/ism. In: **International Relations**. vol, 23, 2009. p. 53-60.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça**. San Francisco, 1945. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/carta/>>. Acesso em 24 fev 2016.

POSTMAN, Neil. **Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business**. New York: Penguin Books, 2005.

RALPH, Jason. War as an institution of international hierarchy: Carl Schmitt’s Theory of Partisan and contemporary US practice. In: **Millennium: journal of international studies**, n° 38, vol 2, 2010.

RAMJI, Rujina. From Navy Seals to The Siege: getting to know Muslim Terrorism, Hollywood Style. In: **Journal of Religion and Film**. Vol 09, nº 02, 2005.

RIEGLER, Thomas. Through the Lenses of Hollywood: depictions of Terrorism in American Movies. In: **Perspectives on terrorism**. Vol 4, No 2 (2010). Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/98/html>>. Acesso em 07 de abril, 2017.

HALÉN ROMÁN, Mikael. **America in the scope**: A post-colonial study of American Sniper, mourning and nationalism. 2015. Dissertação de mestrado em Cinema, Stockholms Universitet.

ROSENBERG, Carol. Guantánamo war court screens grisly 'Zero Dark Thirty' torture scenes. In: **Miami Herald**, 2016. Disponível em: <<http://www.miamiherald.com/news/nation-world/world/americas/guantanamo/article61163027.html>>. Acesso em 11 de abril, 2017.

SAINT-PIERRE, Hector Luis. Grandes tendências da segurança internacional contemporânea. In: ALSINA, João Paulo; ETCHEGOYEN, Sérgio; JOBIM, Nelson. **Segurança Internacional: Perspectivas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

SANGUINETTI, Gianfranco. Da utilidade do terrorismo: considerada em relação ao uso que dele se faz. In: **Revista Punkto**. Disponível em: <<http://www.revistapunkto.com/2016/01/da-utilidade-do-terrorismo-gianfranco.html>>. Acesso em 17 jan. 2016.

SCAHILL, Jeremy. **Guerras sujas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SHAHEEN, Jack. Reel Bad Arabs: How Hollywood vilifies a people. In: **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 588, Islam: Enduring Myths and Changing Realities, 2003. p. 171-193. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1049860?seq=2#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 07 de abril, 2017.

SHOU, Nicholas. How the C.I.A hoodwinked Hollywood. In: **The Atlantic**, 2016. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2016/07/operation-tinseltown-how-the-cia-manipulates-hollywood/491138/>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

Sieczkowski, Cavan. **Clint Eastwood Says 'American Sniper' Makes An Anti-War Statement**. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/entry/clint-eastwood-american-sniper-anti-war_n_6547068>. Acesso em 15 de abril, 2017.

TAUB, Amanda. **Every movie rewrites history. What American Sniper does is much worse**, 2015. Disponível em: <<http://www.vox.com/2015/1/22/7859791/american-sniper-iraq>>. Acesso em: 15 de abril, 2017.

WITHAKER, Brian. The towel-heads take on Hollywood. In: **The Guardian**, 2000. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2000/aug/11/brianwhitaker>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

WOLFF, Michael. The truth about Zero Dark Thirty: this torture fantasy degrades us all. In: **The Guardian**, 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/dec/24/zero-dark-thirty-torture-bigelow-boal>>. Acesso em: 11 de abril, 2017.

ZOLO, Danilo. **Terrorismo Humanitário**: de la Guerra del Golfo a la carnicería de Gaza. Barcelona: Bellaterra, 2011.

_____, Danilo. **Globalización**: un mapa de los problemas. Bilbao: Mensajero, 2006.

FILMES

A HORA MAIS ESCURA. Dir. Kathryn Bigelow. Distribuidora: Columbia Pictures; Universal Pictures, 2012, (157 min). Título original: Zero Dark Thirty.

DIRTY WARS. Dir. Richard Rowley. Distribuidora: Sundance Selections, 2013, (86 min).

FALCÃO NEGRO EM PERIGO. Dir. Ridley Scott. Distribuidora: Columbia Pictures, 2001, (144 min). Título original: Black Hawk Down.

GUERRA SEM CORTES. Dir. Brian de Palma., 2007 (90 min). Título original: Redacted.

LESSONS OF DARKNESS. Diretor: Werner Herzog. Distribuidora: Werner Herzog Filmproduktion, 1992, (50 min). Título orginial: Lektionen in Finsternis.

NOVA YORK SITIADA. Dir. dir. Edward Zwick. Distribuidora: 20th Century Fox, 1998, (116 min). Título original: The Siege.

O GRANDE HERÓI. Dir. Peter Berg. Distribuidora: Universal Pictures, 2013, (121 min). Título original: Lone Survivor.

REEL BAD ARABS: How Hollywood vilifies a people. Produção: Media Education Foundation. Disponível em: <<https://vimeo.com/56687715>>. Acesso em: 17 de abril, 2017.

SNIPER AMERICANO. Dir. Clint Eastwood. Distribuidora: Warner Bros, 2014, (133 min). Título original: American Sniper.